

Cidades sustentáveis

ROBERTO LUCIANO FAGUNDES

Presidente da ACMinas, coordenador executivo do Sustent@r 2013

Congestionamentos intermináveis, poluição, enchentes, calor. Esses são alguns problemas comuns no dia a dia de todos nós que moramos na cidade. Segundo dados do Censo, em 2010, apenas 16% da população brasileira vivia em áreas rurais. Até 2050, cerca de 70% de toda a população mundial deverá estar fixada em centros urbanos, segundo estima a Organização das Nações Unidas (ONU). O cenário, pois, é de que as cidades continuarão crescendo expressivamente e, com elas, os problemas ligados à falta de planejamento urbano.

Para diminuir os contratemplos, empresários e gestores públicos, de vários lugares do mundo, têm investido na criação das chamadas cidades inteligentes. O tema, que será debatido no Sustent@r 2013, dias 29 e 30 de agosto, em Belo Horizonte, exige atenção. Criar cidades inteligentes significa planejar maneiras efetivas de facilitar e melhorar a vida dos cidadãos. Trata-se de investir na apropriação de experiências internacionais que se adequem à realidade de cada local. O investimento em ciclovias nas cidades com relevo plano é uma solução simples, influenciando diretamente na qualidade de vida com a diminuição da emissão de gases nocivos lançados por automóveis, além de incentivar a população a ter uma vida saudável com menos tempo gasto no trânsito.

Mudanças não ocorrem da noite para o dia

A criação de jardins e praças arborizadas, com plantas variadas, além de ser uma opção de paisagismo, ajuda na regulação da temperatura e umidade local. Instalar dispositivos para tratamento da água nos edifícios, utilizar materiais que evitam o aquecimento dos centros urbanos, construir canais de drenagem nas ruas e avenidas, realizar coleta seletiva de lixo também são soluções que ajudam a diminuir a poluição e a amenizar processos que interferem no meio ambiente (como o efeito estufa, inundações, ilhas de calor). Porém, também há soluções mais simples, que podem ser realizadas sem grandes custos pelos próprios moradores da cidade, como a instalação de locais de coleta de água da chuva para uso em atividades menos nobres, como lavar o chão ou regar as plantas, ou construir ambientes com janelas grandes e sem cortinas, que ajudem na diminuição do uso de luz elétrica e na ventilação do ambiente.

Cidades inteligentes são aquelas que permitem uma melhor qualidade de vida para a população com menos gastos, seja de tempo, seja de dinheiro. Há várias alternativas, mas todas exigem planejamento. Para isso, tanto o poder público quanto o privado e, principalmente, a população precisam se comprometer com a ideia. As mudanças não ocorrem da noite para o dia. O primeiro passo é investir na divulgação dos ideais desse novo formato de cidade, para que as pessoas entendam o que são esses projetos e por que eles podem melhorar sua qualidade de vida. Só assim passarão a exigir planejamento urbano inteligente e construções sustentáveis, e as coisas começarão a mudar no país. Qualquer lugar pode ser melhor planejado, independentemente do tamanho da população, do relevo ou de qualquer outro fator. Com estudo e pesquisa, com certeza, é possível descobrir a melhor solução para uma determinada cidade.

Inflação nos EUA

MARCELO LÓPEZ

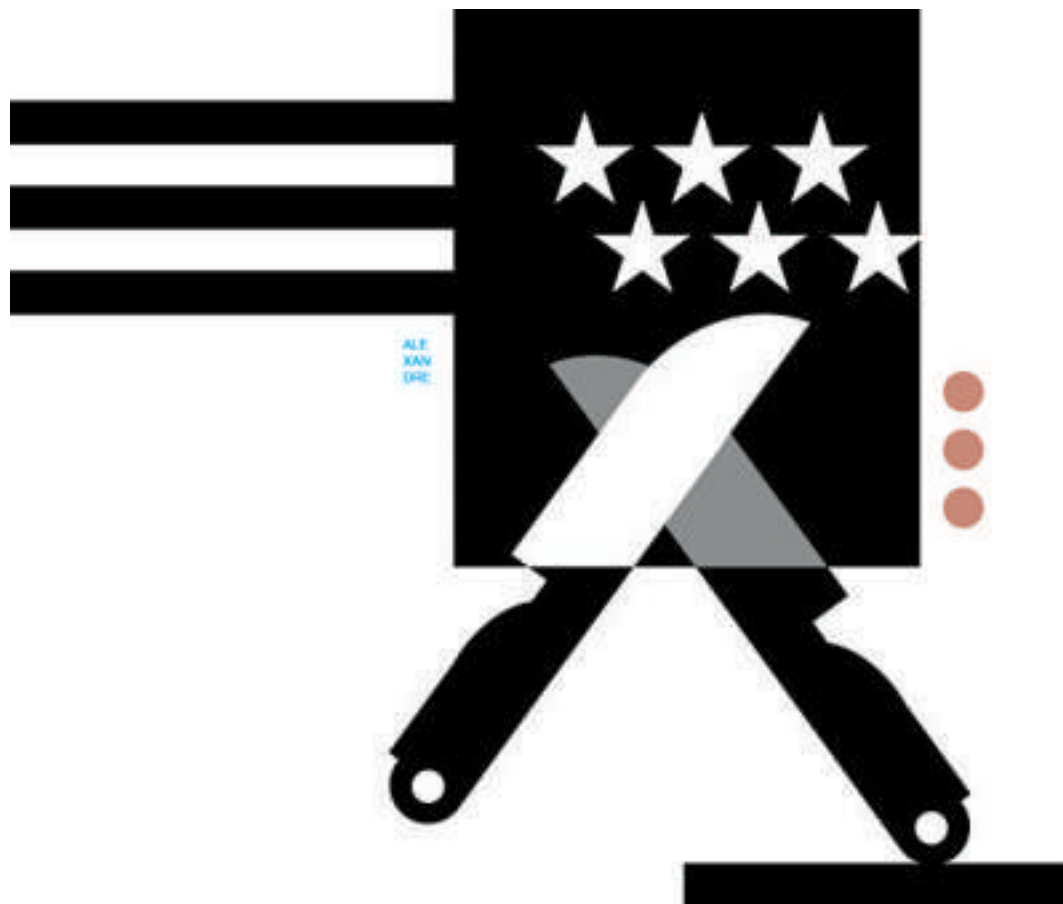
Sócio-diretor da Sifra Investimentos, gestor de fundos multimercado e de renda variável

Muitos economistas insistem em dizer que a economia norte-americana está melhorando, que os estímulos fornecidos pelo Federal Reserve (FED, o banco central norte-americano) têm dado

resultado. Vimos a Bolsa de Valores, e o preço dos imóveis de lá subindo, e achamos que está indo tudo bem realmente. Infelizmente, é apenas uma ilusão. Em 2006, o preço dos imóveis estava em alta, tal como as bolsas de valores e os economistas (os mesmos que agora dizem que está tudo bem) diziam que era a economia dos cachinhos dourados – tudo perfeito e sob medida!

Não conseguimos ver diferença entre a economia dos Estados Unidos em 2006 e hoje, exceto pelo tamanho da encrenca. Os mesmos problemas que causaram a crise em 2008 estão aí hoje, só que bem maiores. A economia dos EUA naquele período estava crescendo devido aos estímulos do FED, não era um crescimento verdadeiro. Dinheiro barato induziu pessoas a fazerem investimentos bem aquém de razoáveis, o que propiciou uma bolha na economia. Deparamos com as consequências dessa política de crédito farto a juros baratos no estouro da bolha, em 2008. Hoje, o dinheiro está ainda mais barato e o crédito, mais abundante. Os EUA conseguiram se safar das consequências daquela crise porque o mundo inteiro correu para o dólar norte-americano, o que manteve a moeda forte, os juros baixos e a inflação sob controle, apesar de termos registrado o maior programa de estímulos que uma economia já viu. Desta vez não há garantias de que o mundo vai correr para o dólar uma vez mais – e o perigo para a economia norte-americana pode estar aí.

Para sair deste programa de Quantitative Easing (QE ou afrouxamento quantitativo), o presidente do FED, Ben Bernanke, afirmou há um mês que a estratégia era reduzir as compras de títulos do governo e os bônus de hipotecas ainda este ano, e de parar de comprá-los totalmente a partir do segundo semestre do ano que vem. A verdade é que isso não ocorrerá e o FED não tem estratégia de saída. Como já dizia Einstein, “a definição de loucura é fazer a mesma coisa várias vezes e esperar resultados diferentes”. Já nos esquecemos dos anos antes da crise de 2008, quando o então presidente do FED, Alan Greenspan, baixou os juros para 1% ao ano visando estimular a economia, pós-estouro da bolha da internet nos EUA. Em 2004/05, a estratégia de saída do FED foi subir os juros devagarzinho, para não acabar com a recuperação da economia. Em 2008, quando a taxa de juros chegou a pouco mais de 5%, vimos o que aconteceu. Vale lembrar que a maioria dos empréstimos podres feitos pelos bancos foi realiza-



Quando não der mais para o governo mascarar a inflação, os juros terão que subir e aí essa bolha será furada

da no período de 2006-07; se o FED tivesse sido rápido para subir os juros, a crise de 2008 não teria sido tão ruim.

Hoje, a economia dos EUA está viciada em estímulos. O que deveria ter sido uma ajuda temporária se transformou em algo constante, como uma droga. Agora, a economia não consegue viver sem estímulos e cada vez mais precisa de mais estímulos para se manter. Na verdade, a economia não vai melhorar enquanto a taxa de juros for tão baixa. Os japoneses estão fazendo isso há 20 anos e não há sinal de melhora naquele país também. Há pouco, anunciaram um programa de afrouxamento quantitativo no Japão ainda maior (proporcional à sua economia) que o dos EUA. É como tentar quebrar uma faca dando murros em sua ponta; quando não se con-

segue, dão-se murros mais fortes ainda.

Por isso, achamos que não haverá um fim à vista para os QEs: quanto mais estímulos são dados, pior será a crise quando os juros subirem – e eles vão subir! Ou eles sobem agora e descarrilam de vez a economia norte-americana ou subirão depois e as consequências serão catastróficas. E por que os juros subiriam? Eventualmente, a inflação aparecerá: o governo tem feito um bom trabalho de mascarar a inflação, mas quem tem que sair e fazer compras sabe que a inflação não é tão pequena assim. Há um crescimento na economia dos EUA simplesmente porque os índices de inflação são muito baixos e o deflator pequeno. Eles já estão em recessão e que se a inflação fosse medida corretamente isso viria à tona. Basta ver o índice de desemprego no país: é condizente com recessão, não com uma economia vibrante.

Quando não der mais para o governo mascarar a inflação, os juros terão que subir e aí essa bolha será furada. Só que o problema será maior, já que mais pessoas compraram casas com hipotecas que serão reajustadas, vários bancos estão atolados em títulos públicos norte-americanos (que caem quando os juros sobem) e o próprio FED, maior detentor de títulos do país, sofrerá um grande prejuízo – e quem irá resgatar o FED?. Especialmente depois da Operação Twist, em que o FED alongou o perfil da sua dívida. Um aumento na taxa de juros seria fatal.

PF e os problemas do país

MARCOS LEÔNICO RIBEIRO

Presidente da Associação Nacional dos Delegados de Polícia Federal (ADPF)

Cada sociedade tem o criminoso que quer, já dizia o sociólogo Howard Becker em meados dos anos 1960, revelando ser impossível dissociar o crime das impressões individuais e políticas. No momento em que a temática da corrupção está tão em voga, como as operações da Polícia Federal (PF) podem contribuir para a mudança do estereótipo da criminalidade no Brasil? A PF está mudando a percepção da sociedade brasileira ao jogar luz sobre um tipo de criminoso muito mais nocivo do que aquele normalmente perseguido pelo sistema penal. O crime não é um fenômeno neutro. Conforme o filósofo Michel Foucault, é uma construção social. E o processo de objetivação pelo qual se define o que é crime e quem é criminoso nasce nas estratégias e lutas de poder e dominação entre os homens. Os grupos mais influentes elegem os valores a serem protegidos e as condutas a serem criminalizadas e punidas.

A partir dessa ótica, as leis penais representam os interesses dos que detêm o poder na sociedade e todo o sistema penal se volta prioritariamente à punição dos tradicionais delitos praticados pelas camadas mais baixas da sociedade, sobretudo os delitos contra o patrimônio. Basta olharmos o perfil da população carcerária e condenada em geral. Foucault relata que, no século 17, a população se levantava em revoltas contra o fisco. O contraban-

do era saudado e tinha amplo apoio e proteção nos castelos. Era difícil distinguir jurídica e moralmente o que era a verdadeira criminalidade. Na segunda metade do século 18, com a multiplicação da riqueza e das propriedades, o alvo principal da ilegalidade popular se desloca da linha dos direitos para alcançar os bens. Pilhagem e roubo no lugar do que antes era o contrabando.

Se a burguesia aceitava bem a ilegalidade dos direitos, não admitia quando o ataque recaía sobre seu direito de propriedade. Nos casos de roubos praticados por populares, reservava-se a condenação pelos tribunais ordinários. Para as ilegalidades de direitos praticadas pela burguesia, como fraudes e evasões fiscais e, ainda, o comércio irregular, havia jurisdições especiais com transações e acomodações de penas, bem como multas atenuadas. Essa herança de pensamento perdura até o tempo atual. Para o criminoso comum, a cadeia; para os criminosos do chamado “colarinho branco”, de extrato social elevado, prevalecem saídas amenas, como os termos de ajustamento de conduta (TAC) e multas, que por si só não refreiam esse tipo de criminalidade, pois já estão computadas no risco do negócio criminoso.

Quando o sociólogo norte-americano Edwin Sutherland cunhou o termo “crimes do colarinho branco”, em 1940, os criminólogos tiveram que superar o pressuposto de que o crime se concentrava nas classes mais baixas. A criminalidade não poderia mais ser associada apenas à pobreza e às condições sociais inferiores. O juiz federal Paulo

Lima apontou, numa recente palestra, que os criminosos do “colarinho branco” não têm o tradicional estereótipo da marginalidade e contam com uma identificação cultural entre legisladores e administradores da Justiça, em razão de formação semelhante e da convivência no mesmo círculo social. Assim, é preciso superar a ideia de que bandido tem cara de bandido.

O sociólogo Austin Turk demonstra que tanto a criminalização primária, na elaboração das leis, quanto a secundária, na seleção realizada pela polícia, Ministério Público e Judiciário, sofrem com o processo de identificação cultural com os autores de “crimes do colarinho branco”. Turk destaca o papel preponderante da polícia no processo seletivo do que é crime e criminoso, pois é a partir da investigação policial que ocorre o ingresso dos fatos no sistema penal. Neste contexto, as operações da PF têm um papel histórico relevante na mudança de paradigma da imagem do crime e do criminoso, uma vez que alcançam também empresários, banqueiros e políticos. Para o cientista político Rogério Arantes, além de resgatar a corrupção das esferas administrativa e civil de volta para a criminal, as operações da PF são como a ponta de um iceberg: representam um ponto de inflexão no combate ao crime organizado e à corrupção. Elas permitem visualizar a própria natureza e as características principais do crime organizado e da corrupção. Hoje, graças à atuação da PF, o Brasil conhece mais esses problemas.

S/A ESTADO DE MINAS

FUNDADO EM 7 DE MARÇO DE 1928

DIÁRIOS ASSOCIADOS
A vida com mais conteúdo

SEDE
Avenida Getúlio Vargas, 291 - Funcionários, Belo Horizonte-MG-Cep 30112-020

TELEFONE GERAL
(31) 3263-5000

ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNALIS

Filiado ao Instituto Verificador de Circulação **IVZ**

SUCURSAL SÃO PAULO
Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732/766 - Edifício Mary Harriet Speers - 7º andar - Bairro Jardins - São Paulo - SP
CEP: 01403-000 • Fone: (11) 3372-0022 • e-mail: sucursal.sp@uai.com.br e associadosp@uajiggo.com.br

SUCURSAL RIO DE JANEIRO
Rua do Livramento, 189 - 8º andar - Sala 24 - Saúde
Tel.: (21) 2263-1945 • Fax: (21) 2263-2045
e-mail: sucursal.rj@uai.com.br

TELEFONES DE APOIO

Redação

(31) 3263-5330

Editorias:

Gerais
(31) 3263-5244

Política
(31) 3263-5293

Economia e Agropecuária
(31) 3263-5103

Espportes
(31) 3263-5313

Internacional
(31) 3263-5301

Opinião
(31) 3263-5373

Cultura - TV - Pensar e Divirta-se

(31) 3263-5126

Fotografia
(31) 3263-5214

Turismo
(31) 3263-5333

Informática
(31) 3263-5360

Vrum
(31) 3263-5078

Bem Viver, Guri e Negócios e Oportunidades
(31) 3263-5048

Feminino & Masculino
(31) 3263-5260

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Belo Horizonte (31) 3263 5800

Outras Localidades 0800 031 5005

DISTRIBUIDOR DE ASSINATURAS INTERIOR

0800 283 5062

SERVIÇO DE ATENDIMENTO À VENDA AVULSA

Capitol e Contagem - (31) 3263 5830

Interior de Minas Gerais - 0800-283-5062

Telefax - Circulação: (31) 3263 5961

DEPARTAMENTO DE COBRANÇA

(31) 3263-5421

DEPARTAMENTO COMERCIAL

(31) 3263-5501 e (31) 3263-5224

AGÊNCIAS

O ESTADO DE MINAS trabalha com as seguintes agências de notícias: Agência Estado, Agência O Globo, Agência Folha, France-Press e Reuters.

PARA ASSINAR LIGUE

Belo Horizonte
(31) 3263 5800

Outras Localidades
0800 031 5005

TABELA DE PREÇOS

Localidade	VENDA AVULSA (R\$)	
	2º o sábado	Domingos
MG, SP, RJ capital	2,00	3,00
RJ (interior), ES e DF	3,00	4,00
Outros estados	4,50	6,00

PARA ANUNCIAR LIGUE

Classificados

Pequenos Anúncios Fonados
(31) 3228-2000

D.A. PRESS MULTIMÍDIA **DA DPOSS**

ATENDIMENTO PARA PESQUISA E VENDA DE CONTEÚDO:
Por e-mail e telefone: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568/0800 647 7377.
Fax: (61) 3241.1595.

E-mail: dopress@dabr.com.br
Site: www.dopress.com.br